

Artigo

Traumatismo e violência: a criança em meio à guerra urbana brasileira

Tharso Peixoto Souza; Cristina Moreira Marcos

Resumo. O cotidiano de muitas crianças no Brasil tem sido atravessado por situações violentas extremas, evidenciando um estado de abandono social. Sendo assim, o presente artigo visa compreender, a partir da história de Sandro Barbosa do Nascimento e da psicanálise, a natureza do traumatismo e sua relação ao trauma na experiência da criança que vivencia cenas violentas em seu cotidiano. Compreendemos que o traumatismo se constitui na dimensão singular de cada criança, a partir do modo como lidam com o encontro com o trauma que as cenas violentas comportam, bem como com o gozo que irrompe da proximidade do Outro totalitário. Estes modos podem se constituir do recurso simbólico de cada sujeito, mas também da experiência com o não-sentido.

Palavras chave: trauma; traumatismo; violência; criança.

Trauma y violencia: el niño en medio de la guerra urbana brasileña

Resumen. La vida cotidiana de muchos niños en Brasil ha estado atravesada por situaciones de extrema violencia, evidenciando un estado de abandono social. Así, este artículo pretende comprender, a partir del relato de Sandro Barbosa do Nascimento y del psicoanálisis, la naturaleza del traumatismo y su relación con el trauma en la experiencia de los niños que viven escenas violentas en su vida cotidiana. Entendemos que el traumatismo se constituye en la dimensión singular de cada niño, a partir de la forma en que se enfrenta al encuentro con el trauma que suponen las escenas violentas, así como con el goce que brota de la proximidad del Otro totalitario. Estos modos pueden constituirse a partir del recurso simbólico de cada sujeto, pero también de la experiencia con el sinsentido.

Palabras clave: trauma; traumatismo; violencia; niño.

* Psicanalista e psicólogo. Doutorando em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e docente convidado do Instituto de Educação Continuada (IEC PUC Minas). Pesquisador bolsista CAPES, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: tharsopeixoto.tp@gmail.com

** Psicanalista. Doutora em Psicanálise e Psicopatologia Fundamental pela Universidade de Paris 7. Professora Adjunto IV da Faculdade de Psicologia e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pesquisadora da FAPEMIG e Bolsista CNPq Produtividade em Pesquisa PQ-2, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: cristinammarcos@gmail.com

Traumatism and violence: the child in the middle of the Brazilian urban combat

Abstract. The daily life of many children in Brazil has been crossed by extreme violent situations, evidencing a state of social abandonment. Thus, this article aims to understand, from the story of Sandro Barbosa do Nascimento and of psychoanalysis, the nature of traumatism and its relation to trauma in the experience of children who experience violent scenes in their daily lives. We understand that traumatism is constituted in the singular dimension of each child, from the way they deal with the encounter with the trauma that can be found at violent scenes, as well as with the *jouissance* that erupts from the proximity of the totalitarian Other. These ways may be constituted from the symbolic resource of each subject, but also from the experience with non-sense.

Keywords: traumatism; trauma; violence; child.

Traumatisme et violence: l'enfant dans milieu de la guerre urbaine brésilienne

Résumé. La vie quotidienne de nombreux enfants au Brésil est traversée par des situations de violence extrême, et témoigne d'un état d'abandon social. Cet article vise à comprendre, à partir de l'histoire de Sandro Barbosa do Nascimento et de la psychanalyse, la nature du traumatisme et sa relation au trauma dans l'expérience des enfants qui vivent des scènes de violence dans leur vie quotidienne. Nous comprenons que le traumatisme se constitue dans la dimension singulière de chaque enfant, à partir de la manière dont il gère la rencontre avec le trauma qu'impliquent les scènes de violence, ainsi qu'avec la *jouissance* qui jaillit de la proximité avec l'Autre totalitaire. Ces voies peuvent se constituer à partir de la ressource symbolique de chaque sujet, mais aussi à partir de l'expérience du non-sens.

Mots-clés: trauma; traumatisme; violence; enfant.

Sabemos que o cotidiano de muitas crianças no Brasil tem sido atravessado por situações violentas impensáveis, tais como assassinatos brutais, tiroteios inesperados, ameaças, medo. Situações que dizem da realidade de uma nação onde a desigualdade custa muito a uma parcela da população que se encontra concentrada, em geral, nas periferias das nossas cidades e que sofre diretamente os efeitos de uma violência difusa, que impregna e até movimenta as engrenagens do sistema social, político e econômico do país – a violência estrutural. A incidência dessa violência sobre essa parcela da população ressalta o perfil majoritário a que se destinam as mazelas e contradições sociais desde o passado, numa sucessão geracional de violências, cujas cenas traumáticas conhecemos: a violação de direitos das mulheres, do negro, do pobre, das minorias, das juventudes – e por que não acrescentar – das infâncias roubadas.

Nesta seriação de cenas traumáticas que compõem a história do Brasil e destas populações, encontramos a criança transitando pelas ruas das cidades em meio à guerra urbana de hoje. O uso do termo “guerra” pode soar exagerado, a princípio, mas revela-se bastante pertinente quando consideramos a vigência do estado de exceção nestes espaços, tal como nos indica Agamben (2004), ocasionando todo tipo de violação de direitos, bem como a manutenção dos discursos segregadores, que sustentam o uso da força e da dominação – inclusive com o uso ostentatório das armas – num cenário em que figura um gozo sem lei (Vieira, 2008).

Ademais, essas crianças testemunham a cada dia o quanto o Outro pode se revelar cruel e feroz, cuja presença ameaçadora pode ser sentida em qualquer momento e lugar, ocasionando-lhes o efeito de se encontrarem diante de uma indeterminação. Esse Outro rompe o silêncio das noites e perturba a rotina do dia, deixando o vestígio de sua passagem nas paredes perfuradas – restos indeterminados que surgem da cena violenta (Vieira, 2008). Há alguma saída possível para essa criança? É a pergunta a respeito da qual nos debruçamos neste artigo, enfatizando o

modo como a criança lida com o traumático presente nas cenas violentas que testemunha e vivencia em seu cotidiano nas cidades brasileiras. O que pode a criança frente ao real do trauma que figura nestas cenas?

Sendo este artigo um dos desdobramentos da pesquisa de mestrado, financiada pela CAPES e realizada pelos autores, apresentaremos, a partir da trágica história de Sandro Barbosa do Nascimento – o Mancha – documentada na produção do diretor José Padilha, em 2002, “Ônibus 174”, nossas considerações acerca de um tipo de resposta construída pelo sujeito quando o insuportável da realidade se mostra num excesso que o arrebatava – o traumatismo.

Utilizaremos o caso do Mancha como oportuno a uma reflexão acerca do trauma e as possíveis respostas do sujeito, destacando aquilo que o caso oferece como questão à psicanálise, uma vez que se trata de uma situação extrema da qual inúmeras crianças brasileiras ainda permanecem vulneráveis à sua captura. Acrescentamos que o uso da história deste rapaz – sua infância e sua juventude – requer dos autores deste artigo a devida cautela frente o limite ético que nos é interposto, uma vez que temos acesso às informações, ditos e imagens através da obra final do referido documentário, resultado do olhar e dos enquadres de um outro.

Ademais, consideramos essencial destacar que nossa referência à história do Mancha traduz nosso intento de pôr em relevo a condição de inúmeras outras histórias de crianças brasileiras que vivem esta realidade marcada pelas muitas violências, desde os atos que lhe são endereçados ferindo a integridade pessoal até a violência estrutural, que dita não somente os lugares que ocupam no laço social, mas também o que se diz acerca delas. São crianças em sua grande maioria pretas e pobres que vivem em zonas violentas, como numa guerra permanente, onde os direitos são suspensos pela força do Estado, muitas vezes, quando se mata à revelia ou quando a cor da pele e a condição social já se constitui, por si só, um alvo de ataque. Por esta razão, compreendemos que elas se encontram em “zonas de exceção”, como nos assinala Agamben (2004) ao se referir a este termo como o resultado da ação do Estado quando exerce o direito de suspender os direitos individuais violando os corpos. Essa política de exceção opera uma redução dos humanos à “vida nua”, ao *homo sacer*, “aquele ser chamado de sagrado que é objeto de um conhecimento tutelar especializado, mas que é excluído de todos os direitos” (Zizek, 2014, p.46).

Considerando essa questão, Zizek (2014) elucida que a violência sistêmica se caracteriza não somente por seu caráter grupal, quando emerge no coletivo, mas também pela parcela de gozo envolvido no sistema que exclui e segrega o preto e o pobre; gozo que emerge da posição dada ao sujeito pelo próprio sistema. Por isso, Zizek (2014) argumenta que a violência sistêmica é que molda o pensamento nos ditames do capitalismo e, ao mesmo tempo, se deriva dele, criando um discurso que se retroalimenta e que mantém um estado de coisas: a exclusão destas populações se reproduz na circunscrição das zonas de guerra – as periferias – onde a suspensão dos direitos pode ser justificada para o restante da sociedade. Geralmente, isto ocorre ao atribuir a estas zonas certa periculosidade, locus de uma violência sem limites.

Posto isto, introduziremos o conceito psicanalítico de trauma em sua relação com os traumatismos e, em seguida, apresentaremos nossas contribuições ao tema, resgatando ditos e fatos trazidos no documentário, porém dando destaque ao que a psicanálise propõe como possibilidade de tratamento à questão.

Trauma e traumatismo: da aparição do sujeito ao seu encobrimento

Inicialmente, faz-se necessário distinguirmos trauma e traumatismo. Compreendemos o trauma como algo constituinte de todo ser falante, que se origina no encontro do sujeito com a linguagem, ao se deparar com a insuficiência dos significantes vindos do Outro em cobrir de sentido a totalidade de seu ser (Soler, 2021, Lacan 2018a). Dizemos que, neste momento, o sujeito se encontra diante do furo do Outro, tornando-se assim dividido pela linguagem (representado no símbolo \$). Já o traumatismo, segundo compreendemos, é uma espécie de reencontro com este furo, com o não-sentido, isto é, o encontro atualizado do sujeito com o trauma que certos eventos comportam (Belaga, 2004).

O conceito de traumatismo carrega sua importância nesta análise não somente por sua centralidade na psicanálise no que se refere à constituição do sujeito, mas também pelo caráter traumático que as cenas de violência vividas por muitas crianças podem assumir em meio à guerra urbana brasileira. Além disso, há uma necessidade de se delimitar este conceito com precisão, uma vez que é muito comum confundi-lo com o conceito de trauma, este também importante para nosso trabalho. Sabemos que há uma relação entre os conceitos. Soler (2002) nos indica que há vários traumatismos, sendo o encontro com o sexual e com o discurso do Outro as principais vias de veiculação ao trauma, o que nos permite localizar o trauma na estrutura da linguagem.

Detalhando um pouco mais, a psicanálise nos ensina que, no instante do encontro da criança com a linguagem que vem do Outro e que incide em seu corpo, marcando-a com o significante, algo permanece fora do campo da significação, fora do sentido. Compreendemos assim que não há significante que comporte plenamente o ser do sujeito, traduzindo-o em sentido. Por esta razão, uma parte da realidade do sujeito permanecerá sem representação, excluída do campo da linguagem, mas que dará consistência a esta realidade (Lacan, 2008a, 2018a). É a essa parte, esse furo, que permanece exilado do campo da significação, que temos interesse em tratar nesta sessão, uma vez que emerge nas experiências com a violência extraídas dos relatos que serão apresentados. Trata-se, portanto, da irrupção do trauma nestas cenas, um encontro do sujeito com o não-sentido, a ausência da palavra, ocasionando o traumatismo.

Sabemos que a criança não se encontra alheia àquilo que ocorre em seu mundo; antes, ela vivencia as experiências, interpretando-as, criando respostas diante do Outro, cujas faces podem se multiplicar: no outro semelhante, nos pais, mas também no Estado, nas instituições ou no sistema sociopolítico. Em todo caso, a proximidade desse Outro trará seus efeitos sobre o sujeito – respostas. No entanto, do encontro com o Outro, restos serão produzidos, pedaços de real que insistem em escapar de qualquer tentativa de sentido, tornando-se horror, assombro e ameaça quando, na cena violenta, despontam em destaque (Vieira, 2008).

Ademais, quando se vive numa zona de guerra urbana, encontros perturbadores com esses restos são abundantes e imprevisíveis, capazes de desagregar a ordem da realidade e causar efeitos marcantes. Isso se dá devido à violência comportar o potencial de desvelar o real do Outro, esse furo não alcançável do simbólico que se apresenta como traumático ao sujeito (Soler, 2021). Consequentemente, a violência com suas cenas traumáticas poderá causar um tensionamento nos recursos simbólicos discursivos da criança, já que ela irá se deparar com o enigma do furo do Outro, ou seja, com esse buraco vazio do recurso da palavra e do sentido. É, portanto, na experiência da cena violenta, que a criança se depara com esse inominável, “violência sem palavras e sem representação”, como nos diz Ramirez (2017, p.35, tradução

nossa¹), resultando em inúmeras perturbações, efeitos produzidos sobre o sujeito em sua relação com o Outro; efeitos que se produzem no encontro com o trauma que a experiência comporta.

A ideia de trauma foi sendo desenvolvida na teoria psicanalítica, desde Freud, como aquilo que surpreende alguém de modo intenso, avassalador, colocando o desamparo do sujeito em evidência (Freud, 1926/1996a). Desde as primeiras elaborações teóricas, o conceito de trauma envolveu dois aspectos: por um lado, a impossibilidade de acesso à palavra; por outro, a construção de uma fantasia fundamental, devido à sua natureza constitucional no ser humano, que se sustenta na busca de completude e da recuperação do gozo perdido, conforme apresentado na tábua da sexualização²: “esse \$ só tem a ver, como parceiro, com o objeto *a* inscrito do outro lado da barra, só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo” (Lacan, 2008b, p.108).

Compreendemos que Lacan nos diz que o objeto se constitui sob o fundo de uma perda, sendo jamais encontrado, contudo, sendo tangenciado pela via da fantasia fundamental. Esta é a estratégia do sujeito de tornar a relação sexual possível, isto é, de seu encontro com o objeto *a*, o que faz da completude a natureza do desejo presente na atividade fantasmática que circula em torno do encontro traumático com o real do sexo. Em outras palavras, a cena é traumática na medida que a realidade da incompletude, o furo, se destaca. Por isso, Lacan (2005) nos diz que o objeto excedente – objeto *a* – faz furo no excesso do gozo, produzindo novos efeitos³.

Uma vez que a fantasia é um dos meios de que o sujeito lança mão para tratar o gozo, depreendemos que esse tratamento assume um caráter singular, como nos indica o matema \$ ◇ a. O sujeito (\$) ali representado é único, resultando que o inconsciente de cada um rege a apreensão da realidade e, conseqüentemente, a construção da fantasia e das respostas. Ademais, o encontro com o real do trauma implica sempre numa resposta por parte do sujeito – resposta singular que revela em que esse sujeito se fundamenta na estrutura discursiva.

Collete Soler (2021, p.73) acrescenta que, desse modo, o Outro se constitui como um Outro traumático, sendo a natureza do trauma a falta no Outro. A autora nos diz: “o Outro intervém com o que lhe falta, com aquilo que ele, o Outro, não pode inscrever. (...) O furo no Outro é o sítio do trauma”. Por sua vez, depreendemos que a falta no Outro representa também a impossibilidade de ele atender plenamente à demanda do sujeito por segurança – o que nos põe diante do tema do desamparo, conforme Freud (1926/1996a) pensava –, bem como oferecer-lhe a resposta acerca de sua própria existência: por que eu existo? Por que fui desejado?

Em seu ultimíssimo ensino, Lacan (2018a) esclarece ainda mais o conceito de trauma, nomeando o encontro da criança com a linguagem como *troumatisme*⁴. Na marcação do corpo da criança com o significante que vem do Outro, um resto permanece não-simbolizável,

1 “violencia sin palabras y sin representación”.

2 Construção teórica de Lacan no seminário XX acerca da lógica inconsciente do gozo no registro do real, dentre outros temas relacionados aos gêneros e o encontro dos gêneros. Ver em Lima, V. M. & Vercaro, Â. M. R. (2018). Os gêneros tradicionais e a sexualização: os impasses do sujeito entre o sentido e o furo. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 10(1), 35-48.

3 Para o leitor não habituado à leitura psicanalítica cabe um alerta em não tomar a ideia de relação sexual no sentido comum, já que o termo “sexual” em psicanálise representa a natureza da vida pulsional. No sentido destacado no texto, indicamos que a relação do sujeito com o Outro é marcada pelo desencontro, ou seja, pela falta, tendo no objeto *a* a insígnia da incompletude com o Outro.

⁴ Em referência a este furo, Lacan (2018a) cria o termo *troumatisme*, em torno do qual o sujeito se constitui. O termo é composto por como um jogo de palavras no francês - *trou* (furo) e *traumatisme* (traumatismo) – relacionando o traumatismo ao furo no real e, portanto, à irrupção do gozo e a ausência de simbolização.

emergindo um gozo fora do campo do sentido e, por isso, sua perda. O *falasser*⁵ construirá barreiras para se defender desse gozo inominável, ainda que vise recuperá-lo por meio dos objetos – objetos *a* – que surgem revestidos de suas roupagens imaginárias, segundo cada sujeito, a partir de sua própria realidade psíquica (Vieira, 2008).

Sendo assim, o *troumatisme* implicará a irrupção do gozo e, ao mesmo tempo, um furo (*trou*) no saber, uma vez que há uma parte que se mantém fora da simbolização. Seguimos Soler (2021, p.73), quando afirma que esse furo indica a natureza de foraclusão do trauma: “cada traumatismo tem uma estrutura de foraclusão de um real”. Ali, no furo do Outro, instala-se o trauma em razão de ser o furo a ausência da simbolização, ausência da palavra. Neste ponto de foraclusão, não há qualquer inscrição ou intervenção simbólica e, por esta razão, a autora o nomeia de “golpe do real”, tendo no desamparo da ausência da palavra sua melhor aparição.

Acrescentamos ainda, neste ponto, a importante distinção entre o trauma como acontecimento e o trauma como processo (Belaga, 2004). Este último pode ser compreendido como um elemento constitutivo do sujeito, conforme apresentamos acima, quando nos referenciamos ao encontro da criança com o sexual freudiano, isto é, o real da própria existência como sujeito – encontro com aquilo que se encontra fora do campo do saber. Já que “no início era o traumatismo” (Soler, 2021, p.62), encontramos aí sua natureza de fundamento do sujeito. Por sua vez, o trauma como acontecimento refere-se ao evento que, ocorrido *a posteriori* do trauma estrutural, evoca o horror do encontro com o inominável, o real, nos diz Soler (2021).

Sendo assim, aquilo que emerge por detrás da cena violenta é o próprio desamparo humano, a reminiscência de um tempo anterior à linguagem, quando não havia sujeito, apenas um gozo ilimitado que permeava o corpo da criança. Portanto, o acontecimento violento apresentar-se-á como acontecimento traumático, quando o sujeito é suspenso pelo excesso que incide sobre si, como nos indica Lacan (1966/2018b, p.4, tradução nossa⁶), ao afirmar: “o sujeito está aí, no lugar dessa coisa obscura que chamamos como trauma, como um prazer esquisito”.

Compreendemos que Lacan nos diz que o encontro com o trauma eclipsa o sujeito, o que nos remete a um tempo anterior, quando o *infans* existia imerso no gozo ilimitado do autoerotismo, do corpo só, antes mesmo que o Outro se constituísse como um lugar onde o sujeito encontraria algum recurso que tornasse possível qualquer mediação a esse gozo⁷. É uma situação que se aproxima daquela na qual o Outro, na cena violenta, apresenta-se fora do campo da falta, mostrando-se total, sem furo: o Estado, a polícia, o traficante, o outro que, sem lei, opera o terror. Sem recursos simbólicos suficientes, o sujeito se apaga e fica à deriva do gozo do Outro.

Do *infans* ao sujeito, será preciso abdicar desse gozo ilimitado – já realizado – por um gozo fálico, circunscrito pela linguagem; momento em que a criança aceita aquilo que vem do Outro, como passaporte para o ingresso no mundo dos falantes. Assim, o trauma é o buraco (*trou*) aberto na relação do sujeito com o Outro, carecendo, por parte do sujeito, de defesas contra o retorno desse gozo ilimitado e estranho à palavra, mas que arrebatava o sujeito. Essa defesa é realizada, como sabemos por Lacan (2008a), por aquilo que se opera na separação do sujeito

⁵ Isto é, o ser falante. Ver em Souza, G. N. de, (2019). Um dizer que enlaça ou as condições do falasser. *Stylus* (Rio de Janeiro), (38), 227-234.

⁶ “le sujet est là, par exemple, au lieu de cette chose obscure que nous appelons tantôt trauma, tantôt plaisir exquis”.

⁷ O conceito de *infans* se refere ao tempo anterior à aquisição da linguagem pela criança. Tempo que, segundo a psicanálise, a criança esteve envolvida numa atividade psíquica na qual a pulsão se dirigia a seu próprio corpo, marcando-o em zonas erógenas – tempo denominado de autoerotismo. Ver Lacan J. (2008a). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário original de 1964).

do Outro, quando o Nome-do-Pai se inscreve ordenando a cadeia significante: o gozo do Outro é barrado, circunscrito na ordenação fálica, fazendo emergir o sujeito desejante e produzindo um resto – um objeto que cai, perdido – marcando para sempre a impossibilidade da completude, mas constituindo a dimensão do desejo⁸.

Ademais, o encontro da linguagem com o corpo, conforme nos indica Miller (2003) citado por Matos (2014, p.6), produz uma permanente instabilidade, “mantendo no corpo e na psiquê um excesso que não se deixa reabsorver” e que retornará de diversos modos: nos sintomas, nas inibições, na angústia, nos atos, nas ideias obsessivas e nos pesadelos.

Quando os acontecimentos traumáticos evocam o gozo ilimitado do *trou*, a dimensão simbólica, a palavra e a fantasia são tensionadas, trazendo efeitos sobre o sujeito, como as respostas sintomáticas, as angústias e os atos, dentre outros, podendo também revelar uma circunstância mais extrema, quando a criança se mantém em silêncio, desarticulada do simbólico, isto é, o sujeito encontra-se solapado.

Contudo, destacamos a dimensão singular da construção destas respostas, já que o próprio trauma indica, na estrutura da constituição do sujeito, sua singularidade. Por isto, as respostas do sujeito ao real se dão no modelo do um a um. Ferenczi (1934/2011a, p.127), que demonstrou grande interesse em sua obra na relação entre a criança e o trauma, alinhando-se muito nesse ponto ao pensamento de Lacan, apresenta-nos sua compreensão acerca do efeito do trauma sobre a criança:

A consequência imediata de cada traumatismo é a angústia. Esta consiste num sentimento de incapacidade para adaptar-se a situação de desprazer (...) o salvamento não chega e até mesmo a esperança de salvamento parece excluída. O desprazer cresce e exige uma válvula de escape. Tal possibilidade é oferecida pela autodestruição, a qual, enquanto fator que liberta a angústia, será preferida ao sofrimento mudo.

O autor sugere que o trauma vai se constituir como um núcleo, em torno do qual gravita a repetição e o silêncio (Ferenczi, 1933/2011b). Trata-se, segundo compreendemos, de um silêncio diante do estranho e do inquietante do gozo perdido, que retorna. A repetição e o silêncio ocorrem como os últimos vestígios de um sujeito que sucumbe à ruptura de suas bases identificatórias.

O Outro da criança brasileira: traumatismos, segregação, exceção e guerra

Diante disso, como poderíamos negligenciar o tratamento da situação da violência no Brasil sem evocar sua dimensão traumática? Sabemos que, na repetição das cenas violentas no cotidiano brasileiro das zonas de exceção, a guerra se configura e o traumático se apresenta como uma série: situações violentas anteriores – da segregação, da espoliação local, dos conflitos armados, das mortes violentas – marcam as histórias daquelas comunidades e das pessoas que ali viveram e vivem, ocasionando uma atmosfera de apreensão, medo e desamparo. É nessa dimensão histórica que os traumatismos anteriores, experimentados por essas populações e seus antecedentes, vão se conectando nesta série de horrores: a exceção colonial vivida na senzala, a exclusão social posterior imposta ao negro liberto e ao pobre, a atual exploração e controle dos corpos pela máquina estatal – combinações que ordenam o cenário

⁸ Ver Lacan J. (2008a). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário original de 1964).

atual da violência no Brasil. Em outras palavras, não é possível pensar as cenas traumáticas atuais com que esses sujeitos se deparam, como coletividade, sem considerar outras cenas traumáticas do passado comum a eles.

Esta situação presente no caso brasileiro faz-nos recordar daquilo que Freud concebeu, desde o início da psicanálise, acerca da cena atual sempre fazer referência a uma outra cena inconsciente (Freud, 1899/1969). Sendo assim, consideramos relevante pensar que as cenas traumáticas vividas pelos antepassados numa comunidade ou grupo social compõem um estado atual de expectativas e repetições – medo, segregação e violências – e, ao mesmo tempo, denunciam a posição dos sujeitos ali implicados em sua própria história coletiva e singular, isto é, a dimensão única e específica do traumatismo do sujeito se articula com a dimensão comunitária e histórica (Chemama & Hoffmann, 2020). Ainda que tenhamos interesse – e por isso destacamos – na dimensão singular, essa outra dimensão encontra-se entremeada àquela, como uma trama geracional de subjetividades construídas à sombra de um Outro, cujas nuances históricas e sociopolíticas se firmam.

Seguimos Lacan (2007), quando nos indica que o trauma é o buraco (trou) aberto na relação do sujeito com o Outro, carecendo, por parte do sujeito, de defesas contra o retorno desse gozo ilimitado e estranho à palavra, e que arrebatava o sujeito. Assim, consideramos que a resposta construída diante do trauma desvelado nas cenas violentas é, em todo caso, uma tentativa de a criança se defender da captura desse gozo. Obviamente, o tipo de resposta encontrada nessas circunstâncias dependerá da existência ou não da mediação operada pelo significante Nome-do-pai, mas, de todo modo, haverá uma resposta ao traumatismo evocado: desde as inibições das funções do eu até o desatamento subjetivo, quando o sujeito sucumbe, desaparecendo, numa repetição fora do sentido.

Nesse ponto, faz-se necessário destacar que, todo encontro com a violência tende a ser sentido como uma ameaça de destituição do sujeito do campo do desejo, desarticulando-o de seu próprio saber, uma vez que a proximidade da dimensão do trauma – que a violência comporta – apresenta-se ameaçadora à sua integridade como sujeito, já que o remete ao caos pulsional do corpo despedaçado – tempo da alienação ao Outro (Lacan, 1964/2008a). Referir-se a uma tendência significa aqui que haverá um tensionamento, como vimos, dos recursos simbólicos da criança, cujo resultado será múltiplo e, ao mesmo tempo, singular. Por esta razão, destacamos mais uma vez que, ainda que a cena violenta comporte o trauma, como evocação do *troumatisme* lacaniano, cada sujeito dará sua resposta a seu modo.

De fato, a evocação do *troumatisme* já implica uma experiência singular devido ao seu caráter estrutural. Fica assim evidente que a resposta indica o lugar que o sujeito constrói sobre si mesmo em referência ao Outro. Mas que Outro? Miller (2018, p.4) destaca que o Outro tem muitas intenções sobre o sujeito, já que, antes mesmo de o sujeito advir, o Outro diz algo sobre ele. Nesse sentido, diz-nos o autor, o Outro pode ser mau e repleto de ameaças ao sujeito – um Outro feroz, que “as-sombra” o sujeito. De todo modo, há três questões que, segundo Miller (2018, p.4), irão referenciar esta posição do sujeito frente ao Outro: “que queres de mim?”, quando o desejo é posto em questão; “ele pode me perder?”, quando a separação implica a angústia da aparição do objeto a; e “de quê ele goza?”, numa referência ao gozo do Outro e à condição primitiva original do sujeito. Destacamos, nesta elaboração, o fundamento teórico para pensarmos em três elementos potencialmente presentes nas respostas da criança em sua experiência com a violência urbana: desejo, angústia e gozo.

Considerando o terceiro elemento, trata-se de um gozo que diz de um Outro que se apresenta como consistência plena e total, com seu discurso totalitário, deixando o sujeito à deriva e

paralisado. Trata-se de um Outro que goza ilimitadamente e cuja proximidade é experimentada pelo sujeito como ameaça a seu ser. Sendo assim, caso o sujeito seja capturado por este gozo mortífero, como resultado teremos um sujeito à deriva, solapado em sua dimensão desejante, tomado por esse Outro como objeto de gozo, o que oportuniza as repetições em ato ao modo de uma loucura (Rosa, 2016), bem como o declínio da capacidade discursiva da criança, ficando o sujeito siderado pela cena traumática.

Mancha: indeterminação e ato na história de Sandro

No documentário “Ônibus 174” (Padilha, 2002), é possível recolher alguns ditos que consideramos importantes para pensarmos acerca desta temática. O documentário trata dos eventos ocorridos no Rio de Janeiro, em junho de 2000, quando Sandro Barbosa do Nascimento sequestrou um ônibus do serviço de transporte urbano, mobilizando uma expressiva força policial e a atenção das redes de jornalismo e televisão. Todo drama envolvendo as pessoas sequestradas, o sequestrador e a polícia foi transmitido ao vivo para todo país, como uma espécie de reality show de horror.

A transmissão ao vivo daquelas imagens brutais e violentas dava audiência e visibilidade a algo que a sociedade brasileira historicamente negou, evitando se implicar. O furor da multidão, que assistia das ruas adjacentes, gritando “mata, mata, mata”, traduz não somente o sentimento que a mobilizava, mas o modo escolhido de tratar a questão. Ainda hoje, após décadas do ocorrido, ao assistir às cenas gravadas, percebe-se um tensionamento, para além do próprio sequestro, que o evento envolvia: de que vítima estamos tratando?

O documentário traça uma linha na história do protagonista Sandro, que une três momentos cruciais de sua vida: a violenta morte da mãe, a tentativa de extermínio na Candelária e o sequestro do ônibus 174. Sandro presenciou a morte brutal de sua mãe quando tinha 6 anos de idade. Ela foi esfaqueada em sua presença, vindo a morrer diante dos olhos da criança. A tia materna relata que o menino não expressou qualquer reação no momento ou após a morte da mãe, comportando-se de maneira habitual e silenciosa. No dia do velório, Sandro sai de casa e nunca mais retorna.

Ele passa a viver nas ruas desde então. Vive com outras crianças que igualmente deixaram suas famílias em situações que envolviam alguma violência. Elas, costumeiramente, circulavam pela região da igreja da Candelária no Rio de Janeiro. No grupo, o apelido do Sandro era Mancha, em referência a uma marca física que tinha no corpo. Não podemos deixar de notar o quanto o apelido, como um significante, endereça sua existência no tecido social como indeterminação, mancha, nódoa.

Segundo um dos depoimentos em destaque no documentário, ao chegar nas ruas, a criança é inocente, não sabe roubar, não usa “cola” nem maconha, mas logo aprende: “vira adulto rápido” (Padilha, 2002, 8’12”). A urgência do presente se impõe sobre ela.

Em meio às outras crianças, Sandro permanecia reservado, introvertido e referia-se repetidamente à morte violenta de sua mãe. Apresentava dificuldade de aprendizagem, segundo relatam voluntários sociais da época. Não conheceu o pai. Sobreviveu ao massacre efetuado por policiais na Candelária, ocorrido em 1993, no qual 8 crianças do grupo de Sandro morreram e dezenas de outras ficaram feridas. A partir disso, passou a cometer delitos, sendo encaminhado inúmeras vezes ao sistema socioeducativo e, mais tarde, ao sistema prisional.

Da inexistência das ruas, Sandro ganha enorme visibilidade no episódio do ônibus 174. Dentro do veículo sequestrado, apontando uma arma para os passageiros, ele não demandava algo às autoridades, nem a qualquer pessoa, apenas gritava frases incompreensíveis, outras bem claras, solicitando a presença das equipes de televisão. Frases que soavam como um grito insistente vindo de seu lugar invisível, atirados na direção daquela sociedade que repetidamente ignorava-o, incapaz de lidar com as contradições do próprio sistema. Em frente às câmeras de televisão, Sandro grita: “Da mesma forma que vocês são perversos, eu também não tô (sic) de bobeira não, tá ligado? (...) Sabe a Candelária? Mataram todo mundo na Candelária? Eu tava (sic) lá”. (Padilha, 2002, 28’15”). E ainda: “Ô Brasil, pode me filmar legal, se liga só, eu tava (sic) na Candelária (...) então, não tenho nada a perder não”. (Padilha, 2002, 35’57”). O desfecho do sequestro foi considerado um grande erro da ação policial, em que uma das reféns morre e o sequestrador é asfíxiado no interior da viatura após ser capturado. Um fato nos chama atenção nesta última cena urbana envolvendo o Sandro: segundo as vítimas sequestradas e os especialistas, ele não tinha intenção de cometer assassinato algum e até mesmo o sequestro pareceu diferente do modelo que comumente é encontrado. Sandro acaba sendo assassinado pelos policiais, mesmo já dominado por eles. Roubaram-lhe o ar, mantendo, com seu silêncio de morte, um estado de coisas inalterado.

Uma resposta sem palavra

A trágica história do Sandro, desde sua infância, coloca-nos diante de um tipo de resposta que, diferentemente de outras que a criança constrói sobre o fundamento do desejo e da fantasia, apresenta-se esvaziada de recursos simbólicos, sendo mais ato do que palavra, alheia ao laço social. No silêncio, na escuridão do desamparo, o sujeito se oferece ao Outro a si mesmo como seu próprio sacrifício, explicita-nos Douville (2019).

Seguindo a professora e pesquisadora Míriam Debieux Rosa (2016), o desamparo social oportuniza o desamparo discursivo, no qual o sujeito – o migrante, o excluído, o desvalido – silencia-se, incapaz de situar-se em sua própria história e cultura. Nesse sentido, a história do Sandro – o Mancha – aglutina inúmeras outras histórias de tantas outras crianças desvalidas e segregadas que tentam encontrar alguma saída, tal como encontramos no depoimento a seguir: “O Mancha veio pra rua ainda criança, cara, então, ele não teve tempo pra ter o amor de ninguém, entendeu? Então, a única coisa que ele aprendeu na rua foi sobreviver, mano”. (Padilha, 2002, 3’15”).

Se a história dialetiza a existência do sujeito (Rosa, 2016), permitindo-lhe nomear e endereçar-se a lugares nos quais pode dizer de seu sofrimento, a violência rompe a diferença, expulsando o sujeito de sua própria história e impondo a todos um mesmo modo de existir. Desse modo, o desamparo discursivo é um dos produtos finais da violência que os atinge, debilitando as vias discursivas que sustentam o laço social e a transmissão da cultura e que confeririam ao sujeito um lugar frente ao real. Por esta razão, supomos que, no caso do Mancha, diante da primeira cena traumática – a morte violenta da mãe – inicia-se a despossessão, o desatamento do sujeito de suas bases identificatórias – o nome, a família, o laço social e a linguagem – lançando-o na errância das ruas: “Foi o que nós todos aprendemos, sobreviver por si próprio, porque se eu for um menor de rua e ficar aqui sentado e não correr atrás, ninguém vai aparecer ali e dar uma comida...” (Padilha, 2002, 3’15”).

Diante disso, compreendemos que, antecedendo a violência como ato, a violência sistêmica a que estas crianças se deparam convoca um Outro, pleno e total, que não convoca ao laço social, já que declina o simbólico. É o Outro que pode tudo, sem limites a seu gozo. O traumático surge quando, do encontro com o discurso totalitário do Outro, o sujeito se vê frente ao real, ao vazio de qualquer significação: “a desestruturante incidência subjetiva daquilo que irrompe por fora de uma trama de saber” (Rosa, 2016, p.27).

Concordamos com Rosa (2016, p.19) quando destaca que, no embate político e cultural que caracteriza a imposição de discursos violentos e totalitários, tomados a partir de uma consistência, o sujeito encontra-se “obturado pelo excesso de sentido e paralisado frente ao Outro que se apresenta como potente e detentor da verdade sobre ele, vê-se paralisado, esvaziado de seus enigmas, silenciado, narcisicamente desestabilizado e defrontado com a angústia e o vazio de sentido”. São crianças que, como Sandro, vieram de situações de violência em suas casas, comunidades ou ruas, a partir do não-lugar e da ausência do discurso veiculado a um desejo, que se aliam em suas próprias debilidades e desamparo, tendo que contar com seus próprios recursos para sobreviverem na invisibilidade das ruas.

O silenciamento do sujeito, conforme nos indica Rosa (2016), é o resultado do impacto traumatizante do Outro, que o impede de adentrar na dimensão do desejo, da lógica fálica, mantendo-o encarcerado na dimensão de um gozo sem medidas e mortífero. Desvinculado da articulação com a palavra, esse sujeito se identifica à posição de resto, dejetado, podendo encontrar-se num estado de submissão irrestrita e fechamento subjetivo (DOUVILLE, 2019).

Um outro fator importante a ser considerado é o tempo. No encontro com o Outro feroz, muitas vezes, esse sujeito não tem tempo suficiente para esquecer, recalcar, a situação traumática, fazendo do instante do trauma uma eterna repetição (Rosa, 2016). Chemama e Hoffmann (2020) nos lembram de que a cena traumática exerce sua potência de sideração do sujeito exatamente por alterar as formas espaço-temporais, ocasionando uma nova relação com a temporalidade, isto é, o presente se desvincula do passado e do futuro, tornando-se uma urgência absoluta que se recusa à atualização. Soma-se a isso a precariedade simbólica e sociopolítica em que se encontram, que prejudica a articulação desses sujeitos com a lógica da fantasia como tratamento do real, mas que pode fixá-los num tipo de posição fantasmática: ser abjeto.

Conforme mencionamos acima, o Mancha “não teve tempo de receber amor” (Padilha, 2002, 3’15”). Talvez isso indique que, ao perder a mãe para a violência, Sandro não encontrou um Outro que pudesse lhe dar um tempo de recuperação, já que a urgência do vazio se apresentou – notamos que as entrevistas com os familiares não indicam que houve alguma intenção de trazê-lo de volta. Curiosamente, encontramos relatos no documentário Ônibus 174 (Padilha, 2002) que mostram que o Sandro, ainda criança, repetia a narrativa da cena do assassinato da mãe para outras crianças do grupo e para os voluntários que lhes davam alguma assistência. A cena violenta fixou o menino naquele instante de desamparo, ao mesmo tempo em que a palavra vazia – pura repetição – excluía o sujeito de sua própria história, fixando-o na cena do trauma sempre presente e sem decifração.

Muitas vezes, o trauma emerge quando o sujeito reconhece a dimensão do que perdeu, do que deixou para trás (Rosa, 2016). Tratam-se de situações nas quais a violência lhe destituiu referências subjetivas importantes: o nome, o lugar, a cultura, para citar algumas. O efeito é, muitas vezes, *a posteriori* como a psicanálise conhece bem. Podemos mencionar, dentro deste argumento, a situação dos refugiados e imigrantes, mas também os ameaçados de morte, os desalojados, os que são afastados para as margens da cultura.

Ao silenciarem-se, essas crianças silenciam suas próprias histórias, cujo reflexo surge nas dificuldades no laço social e a um modo evasivo de ser, “que os fazem parecer estranhos ou loucos” (Rosa, 2015, p.65). A estranheza do modo de agir do Sandro produziu, ao longo do sequestro, inúmeras interpretações das vítimas: ele falava “coisas diabólicas”, indicou uma das refêns; “ele é louco e vai matar todo mundo”, escreveu uma outra no vidro do ônibus a pedido do Sandro. Parece-nos que a face da loucura reproduz o empuxo ao gozo do Outro, que este tipo de resposta veicula.

Figura 1: A angústia entre o gozo e o desejo

A	S	Gozo
<i>a</i>	<i>A</i>	Angústia
\$		Desejo

Fonte: (Lacan, 2005, p.192)

O esquema da divisão significativa do sujeito, criado por Lacan (2005) no seminário 10 (figura 1), mostra em seu primeiro patamar a dimensão do gozo representada pelo Outro (A) e o sujeito (S), ambos sem divisão, sem referência à castração. Trata-se de um sujeito de gozo, ainda que esta referência ao termo “sujeito” seja aqui inadequada. Não há falta, castração e desejo, apenas gozo. O Outro aparece como plena consistência, sem falta, absoluto, como encontramos evocado na dimensão traumática da violência, quando o Estado, a sociedade ou os seus representantes surgem no discurso totalitário e segregador, detentor de um gozo ilimitado, que toma essas crianças como objetos dejetos, destituindo-as da condição de sujeito. Este cenário se aproxima do que se encontra representado no primeiro patamar do esquema lacaniano, segundo nos parece.

No caso do Sandro, notamos que durante o sequestro ele não demanda coisa alguma – como ocorre comumente em sequestros – apenas as câmeras de televisão, o olhar de um Outro, talvez como uma última tentativa de romper com aquele circuito mortífero de gozo. Conforme vimos: “Da mesma forma que vocês são perversos, eu também não tô (*sic*) de bobeira não, tá ligado? (...) Sabe a Candelária? Mataram todo mundo na Candelária? Eu tava (*sic*) lá”. (Padilha, 2002, 28’15”). E também: “Ô Brasil, pode me filmar legal, se liga só, eu tava (*sic*) na Candelária (...) então, não tenho nada a perder não”. (Padilha, 2002, 35’57”).

Segundo nos parece, o Mancha tentou a retificação de sua posição por meio do sequestro, que assume um estatuto de *acting out*⁹ ao buscar neste Outro o olhar que lhe pudesse tirar da invisibilidade. Demanda ao Outro um apelo por existência. Envereda na via do terror, como aquele que nada tem a perder, uma vez que já havia perdido tudo ao ser endereçado por este

⁹ Acting out é um conceito lacaniano que se fundamenta numa mostraçã (mostrar + ação) por parte do sujeito, isto é, algo que se encontra fora da cadeia significativa é mostrado pelo sujeito ao Outro através de uma ação. Ver Calazans, Roberto & Bastos, Angélica. (2010). Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22, n. 2, p. 245-256.

Outro ao lugar de dejetos. Durante o sequestro, ele faz cena, tentando fazer faltar algo a esse Outro: finge executar uma das reféns, faz outras gritarem de desespero, dita-lhes palavras loucas, grita à multidão, causando enorme comoção em todo país através das lentes das câmeras. Tenta fazer este Outro vacilar, mas o desfecho da história nos revela que, para o Mancha, o Outro permaneceu sempre total e caprichoso, gozando sadicamente de seu objeto.

Ademais, no campo do gozo não há lei, por isso a violência irrestrita alicia um gozo ilimitado, dando ao sujeito uma ilusão de plenitude. Segurando uma arma, ele pode tudo: deixar viver ou decretar morrer. O Mancha vive seu instante efêmero e ilusório como aquele que dita as regras de um jogo, no qual ele se encontrou como objeto do gozo do Outro boa parte de sua vida, segundo nos parece. No sequestro, ele tenta fazer uma reversão nas posições. Ainda que seu ato também comporte uma denúncia, igualmente oportuniza a Sandro assumir o lugar daquele que goza a partir de uma violência ilimitada e caprichosa. Essa é a face da violência que, afastando-se da dimensão do sintoma, apresenta-se em sua dimensão de gozo, iludindo o sujeito da completude com o Outro, eliminando a falta e a castração, bem como qualquer desejo. Encontramos levantes assim quando o tiranizado assume, por meio da violência irrestrita, a nova posição de tirano. Vemos na narrativa abaixo um exemplo disso:

Polícia, quando nós pega (*sic*), nós não vê não, nós degola, decapita, deixa eles fudido mesmo num latão de gasolina, óleo diesel, deixa fudido, vira cinza, tá entendendo? Pena? Pena? Se não dizer onde tá o ouro, o dinheiro e as pedra (*sic*) preciosa, eu jogo é álcool em cima. Não fala não pra ver se não incendeia... vira é tocha, pô. Tá brincando com nós (*sic*)? Lembra daquele assalto em Santa Tereza que os amigos tacaram gasolina e tacam álcool em cima da velhinha, mas aí rodaram? É só cria, é tudo cria comigo. Anônimo, adolescente. (Padilha, 2002, 47'20").

Esta narrativa nos lembra que a violência do Outro total e feroz oportuniza ao sujeito entregar-se numa sequência de atos insanos, desprovidos da condição de apropriar-se de qualquer desejo. Porém, seguindo Chemama e Hoffmann (2020), acrescentamos que esses indivíduos, que ora assumem a posição de opressor brutal, igualmente às suas vítimas, encontram-se diante do furo do trauma como “sujeitos vazios”, isto é, sujeitos que não encontram qualquer borda simbólica sobre a qual possam reconstituir suas subjetividades. Notamos que o discurso a que esses sujeitos se veiculam tornam-se parte do mecanismo de perpetuação do gozo do Outro, evocando objetos e façanhas – revólveres, rifles automáticos, mortes violentas – como escoras imaginárias a uma existência desatada dos laços sociais. Este é o ponto em que a bala falha, como nos diz Vieira (2008), já que o ato violento a que lançam mão torna-se combustível do circuito de violência que incide sobre eles.

Considerações finais: que saída?

Sabemos que a história do Sandro é apenas uma dentre outras tantas infâncias perdidas no Brasil. Por décadas e séculos, vemos como as histórias se repetem diante da violência que permeia a estrutura de nossa sociedade e que, fatalmente, alcança inúmeras crianças que diariamente convivem com situações inimagináveis. São cenas que evocam o trauma insistentemente, podendo levar a experiência da vida ao nível do insuportável. Haveria alguma saída para estas crianças?

Seguindo a ideia que temos apresentado a respeito da dimensão traumática evocada no encontro da criança com a violência, Éric Laurent (2014) nos ensina que é preciso pensar no

trauma sob a lógica de dois lugares: o furo do real no simbólico e o avesso, o furo do simbólico no real. Compreendemos ser importante considerar essas duas dimensões do trauma, uma vez que é a partir do traumático – e não da eliminação do trauma – que, inevitavelmente, novas respostas poderão ser construídas pela criança, conforme nos diz Laurent (2014).

Na primeira dimensão, o sujeito encontrará elementos do real pela via do simbólico, o sintoma ou a fantasia, bem como com o resto de real que escapa da simbolização, a angústia, possibilitando-lhe que possa se reconciliar com a desordem do mundo, reintegrando-se nos diferentes discursos dos quais foi banido. Laurent (2014, p.24) afirma que nesta dimensão se considera que o “acidente mais contingente, a restituição da trama do sentido, da inscrição do trauma, na particularidade inconsciente do sujeito, fantasma e sintoma, é curativa”.

Nesta dimensão, seguimos Demoulin (1997) citado por Marcos e D'Alessandro (2013) quando afirma que o trauma se torna assimilável por meio do sintoma, como no movimento descrito por Freud (1919/1996b) em “Uma criança é espancada”: do segundo tempo da fantasia em que o sujeito, como objeto, encontra-se com o gozo sádico do Outro que o espanca, segue-se o terceiro tempo, cujo gozo envolvido é o gozo masturbatório, fálico. Vê-se que o sujeito operou um movimento de defender-se do gozo totalitário do Outro (descrito no segundo tempo da fantasia) adentrando a dimensão de um gozo circunscrito ao corpo e que segue a lógica fálica (tal como descrito no terceiro tempo). Posto isso, Demoulin assinala que é a fantasia formatada no terceiro tempo de “Uma criança é espancada” que possibilita a circunscrição do gozo mediante a amarração em nó do Real, Imaginário e Simbólico, possibilitando o tratamento do trauma pela via do sintoma.

No avesso do trauma, as respostas não são construídas pela via do sentido, mas daquilo que, da linguagem, apresenta-se como furo do simbólico no real, uma vez que “é a linguagem que é real ou pelo menos a linguagem como parasita, fora de sentido do vivente” (Laurent, 2014, p.25). É desse ponto do não-sentido que é possível construir as regras do laço social com o Outro, conforme mencionamos acima, quando a criança busca no Outro algum significante que possa definir seu ser. Assim, segundo o autor, “depois de um trauma, é preciso reinventar um Outro que não existe mais (...) um Outro que foi perdido” (Laurent, 2014, p.26), possibilitando novos arranjos.

Em outras palavras, é preciso criar algum espaço onde estas crianças possam operar o movimento em direção à palavra, à fantasia e ao sintoma. Isto indica a necessária oferta de uma escuta: escuta do sofrimento ou até mesmo, do silêncio, dando ao sujeito o tempo que for preciso para que encontre alguma “alça” simbólica em que se possa apoiar. Para o analista, pode significar assumir o lugar de um Outro que possa falhar, que mostra seu não-saber, possibilitando ao sujeito a construção de um outro Outro, furado, que possibilite a circulação de algum desejo.

Ao mesmo tempo, é preciso que o sujeito seja capaz de articular outros significantes para além da atribuição conferida pelo discurso do Outro, construindo assim sua própria ficção, resposta pela via do sintoma e da fantasia que evoca seu próprio saber. É, portanto, ficção que se apresenta como uma mitologia do sujeito, ou seja, daquilo que se faz impossível em termos de verdade, mas que possibilita alguma mediação entre os registros.

Referências

Agamben, G. (2004). *Estado de Exceção*. 2. ed. São Paulo: Boitempo.

- Belaga, G. (org) (2004). *La urgência generalizada: la práctica en el hospital*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Calazans, R. & Bastos, A. (2010). Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), 245-256. doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800002>
- Chemama, R. & Hoffmann, C. (2020). *Trauma na civilização*. São Paulo: Instituto Langage.
- Douville, O. (2019). Violências e violações impertinentes: a experiência do estrangeiro em terra de rei com um olho só. In: A. M. Guerra, M. S. Otoni & P. D. Penna (Orgs.), *Violências e violações impertinentes: Direito e Psicanálise IV* (pp.11-31). Belo Horizonte: Scriptum.
- Ferenczi, S.(2011a). Reflexões sobre o trauma. In: S. Ferenczi, *Obras completas Psicanálise IV* (pp.125-135). São Paulo: Editora Martins Fontes. (Obra publicada originalmente em 1934).
- Ferenczi, S. (2011b). Confusão de língua entre adultos e a criança. In: S. Ferenczi, *Obras completas Psicanálise IV* (pp.111-121). São Paulo: Editora Martins Fontes. (Obra publicada originalmente em 1933).
- Freud, S. (1969). Lembranças encobridoras. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, org., v. III, pp. 329-354). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1899).
- Freud, S. (1996a). Inibições, sintomas e angústia (1926). In: S. Freud, *Obras psicológicas completas edição standart brasileira* (v.XX, pp.81-174). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, S. (1996b). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: S. Freud, *Obras psicológicas completas edição standart brasileira* (v. XVII, pp.192-220). Rio de Janeiro: Imago. (Obra publicada originalmente em 1919).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Seminário proferido em 1962-63).
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Seminário proferido em 1975-76).
- Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Seminário proferido em 1964).
- Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Seminário proferido em 1972-73).
- Lacan, J. (2018a). *Os não tolos erram/ Os nomes do pai: seminário entre 1973-1974*. Porto Alegre: Editora Fi.
- Lacan, J. (2018b, 7 Janeiro). Communication et discussions au symposium international du Johns Hopkins Center a Baltimore. (Comunicação feita originalmente em 1966). M.21-bal. Recuperado de: <https://m.21-bal.com/doc/16180/index.html>.
- Laurent, E. (2014). O trauma ao avesso. *Papéis de psicanálise*, 1 (1), 21-28. Recuperado de <https://xdocz.com.br/doc/o-trauma-ao-avesso-zo252jz929om>
- Lima, V. M. & Vorcaro, Â. M. R. (2018). Os gêneros tradicionais e a sexuação: os impasses do sujeito entre o sentido e o furo. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 10(1), 35-48. doi: <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v1p.35>

- Marcos, C. & D'Alessandro, C. (2013, outubro). Figuras psíquicas do trauma: uma leitura lacaniana. *Revista aSEPHallus*, 8(15), 35-58. Recuperado de <https://www.isepol.com/asephallus>.
- Matos, C. P. de. (2014, janeiro a junho). Incidências do trauma: o que de real encontramos em nossa clínica com crianças? *Almanaque Online*, 8(14). Recuperado de <http://almanaquepsicanalise.com.br/incidencias-do-trauma-o-que-de-real-encontramos-em-nossa-clinica-com-criancas/real>.
- Miller, J. A. (2018, março-julho). Quando o Outro é mau. *Opção Lacaniana*, 9(25), 1-6. Recuperado de: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_25/Quando_o_Outro_e_mau.pdf
- Nascimento, D. A. (2016). A exceção colonial brasileira: O campo biopolítico e a senzala. *Cadernos de ética e filosofia política*, 1(28), 19-35. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v1i28p19-35>
- Padilha, J. (Diretor). (2002). Ônibus 174 [Filme]. Zazen Produções. Disponível em: <https://vimeo.com/240313562>.
- Ramírez, M. E. (2017). La hipermodernidad: el discurso capitalista. In: M. E. Ramírez. *Conflicto armado y subjetividade* (pp.13-42). Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Rosa, M. D. (2015). Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento. Tese (Livre Docência). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Editora Escuta, FAPESP.
- Soler, C. (2002). A hipótese lacaniana. *Percurso*, 15(29), 5-13.
- Soler, C. (2021). *De um trauma ao Outro*. São Paulo: Editora Blucher.
- Souza, G. N. de, (2019). Um dizer que enlaça ou as condições do falasser. *Stylus* (Rio de Janeiro), (38), 227-234. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000100015&lng=pt&tlng=pt.
- Vieira, M. A. (2008). *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Zizek, S. (2014). *Violência: seis reflexões laterais*, São Paulo: Boitempo.

Revisão gramatical: Karla Cristinie P. Gomes.
E-mail: karlacpg@hotmail.com

Recebido em julho de 2022 – Aceito em junho de 2023.